

Os Estados Unidos estão se preparando para a guerra contra a Rússia e a China?

A guerra na Ucrânia demonstra uma escalada qualitativa da disposição dos Estados Unidos de usar a força militar. Nas últimas décadas, os EUA lançaram guerras contra países em desenvolvimento como Afeganistão, Iraque, Líbia e Sérvia. Nessas campanhas, os EUA sabiam que desfrutavam de uma superioridade militar esmagadora e que não havia risco de retaliação nuclear. No entanto, ao ameaçar trazer a Ucrânia para a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), os EUA estavam preparados para arriscar cruzar o que sabiam ser as “linhas vermelhas” do Estado armado nuclear da Rússia. Isso levanta duas questões: por que os EUA empreenderam essa escalada e até que ponto estão preparados para usar a força militar não apenas contra o Sul Global, mas também contra grandes potências como China ou Rússia?

Usando a força militar para compensar o declínio econômico

A resposta ao “porquê” é clara: na competição econômica pacífica, os EUA perderam para os países em desenvolvimento, em geral, e à China, em particular. De acordo com o [Fundo Monetário Internacional \(FMI\)](#), em 2016 a China ultrapassou os EUA como a maior economia do mundo. Em 2021, a China representava 19% da economia global, ante 16% dos EUA. Essa lacuna está crescendo cada vez mais e, até 2027, o FMI projeta que a economia da China ultrapassará os EUA em quase 30%. No entanto, os EUA mantiveram uma supremacia militar global incomparável – seus gastos militares são [maiores](#) do que os dos próximos nove países. Buscando manter o domínio global unipolar, os EUA estão substituindo cada vez mais a competição econômica pacífica pela força militar.

Um bom ponto de partida para entender essa mudança estratégica na política dos EUA é o [discurso](#) proferido pelo secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, em 26 de maio de 2022. Nele, Blinken admitiu abertamente que os EUA não buscam a igualdade militar com outros Estados, mas a supremacia militar, especialmente em relação à China: “o presidente Biden instruiu o Departamento de Defesa a manter a China como referência para o ritmo de crescimento, para garantir que nossos militares permaneçam à frente”. No entanto, com Estados com armas nucleares, como China ou Rússia, a supremacia militar precisa

alcançar a supremacia nuclear – uma escalada acima e além da atual guerra na Ucrânia.

A busca da primazia nuclear

Desde o início do século 21, os EUA se retiraram sistematicamente dos principais tratados que limitam a ameaça do uso de armas nucleares: em 2002, os EUA [saíram](#) unilateralmente do Tratado de Mísseis Antibalísticos; em 2019, [abandonaram](#) o Tratado de Forças Nucleares Intermediárias; e, em 2020, [retiraram-se](#) do Tratado Céus Abertos. O abandono desses tratados fortaleceu a capacidade dos EUA de buscar a supremacia nuclear.

O objetivo final dessa política dos EUA é adquirir capacidade de “primeiro ataque” contra a Rússia e a China, ou seja, a capacidade de infligir danos com o primeiro uso de armas nucleares contra a Rússia ou a China, a ponto de prevenir efetivamente a retaliação. Como John Bellamy Foster observou em um [estudo abrangente sobre essa construção nuclear dos EUA](#), mesmo no caso da Rússia – que possui o arsenal nuclear não estadunidense mais avançado do mundo – isso “negaria a Moscou uma opção viável de segundo ataque, eliminando efetivamente sua dissuasão nuclear completamente, através da “decapitação”. Na realidade, as consequências e a ameaça do inverno nuclear de tal ataque ameaçariam o mundo inteiro.

Essa política de primazia nuclear há muito é buscada por certos círculos de Washington. Em 2006, foi [discutido](#) no principal jornal de política externa dos EUA, Foreign Affairs, ao dizer na época que “provavelmente em breve será possível para os Estados Unidos destruir os arsenais nucleares de longo alcance da Rússia ou da China com um primeiro ataque”. Contrariamente a essas esperanças, os EUA ainda não conseguiram atingir uma capacidade de primeiro ataque, mas isso se deve ao desenvolvimento de mísseis hipersônicos e outras armas pela Rússia e China – não uma mudança na política dos EUA.

Desde seus ataques aos países do Sul Global até sua crescente disposição de guerrear com uma grande potência, como a Rússia, para tentar ganhar capacidade nuclear de primeiro ataque, a lógica por trás da escalada do militarismo dos EUA é clara: os Estados Unidos estão empregando cada vez mais força militar para compensar seu declínio econômico. Nesse período extremamente perigoso, é vital para a humanidade que todas as forças progressistas se unam para enfrentar essa grande ameaça.

Acompanhe a campanha  @nocoldwar  @nocoldwar  nocoldwar.org